

## A construção da referencialização

EDNA MARIA NASCIMENTO

MARIA DO ROSÁRIO V. GREGOLIN

(Universidade Estadual Paulista, Araraquara)

Se entendemos discurso como um simulacro do mundo, é uma das tarefas daquele que se preocupa com textos buscar as estratégias utilizadas pelo sujeito da enunciação para produzir efeitos de realidade. Segundo Greimas, no *Dicionário de Semiótica*, o exame do procedimento da criação de ilusão referencial, denominado por ele referencialização, visa a descrever as referências estabelecidas entre o enunciado e a instância de enunciação (referencialização externa) e a rede das referências no interior do enunciado (referencialização interna). A primeira diz respeito diretamente aos dêiticos, que não têm sentido senão em relação às circunstâncias de enunciação, a segunda, refere-se à anáfora e à catafora, mecanismos pelos quais o discurso, apoiando-se em si mesmo, retoma unidades lingüísticas já produzidas anteriormente com a finalidade de construir um contínuo referencial.

Em sentido amplo, anáfora é uma relação de identidade parcial que se estabelece no discurso, no eixo sintagmático, entre dois termos, servindo para vincular dois enunciados, dois parágrafos, etc. A anáfora é chamada de gramatical quando utiliza para a identificação as categorias semânticas que fazem parte do arcabouço explícito da gramática de uma língua natural qualquer, por exemplo: os pronomes.

Greimas distingue anáfora gramatical de anáfora semântica. Há anáfora semântica quando um termo condensado, ou denominação, retoma uma expansão sintagmática anterior. Essa mesma relação é denominada, por Greimas, catáfora quando o termo retomado precede, no discurso, o termo em expansão. Para esse autor, a anáfora é um dos principais procedimentos que permitem ao enunciador estabelecer e manter a isotopia discursiva, ou seja, as relações semânticas interfrasais.

À diferença das anáforas e das catáforas que, no interior dos discursos, remetem a unidades, ou a segmentos dados, os dêiticos são elementos lingüísticos que se referem à instância de enunciação e às coordenadas espaço-temporais.

O texto “Português é língua de negro-preto, sim senhor”, de Marilene Felinto, publicado a 23/07/96, no jornal *Folha de S. Paulo* (vide anexo) é utilizado, nesta comunicação, para ilustrarmos a construção da referencialização interna e externa, distinguida por Greimas.

Tendo como motivo a reunião do CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), o texto narra a transformação da língua portuguesa falada por portugueses, oriundos de povos brancos da Península Ibérica – iberos, celtas e fenícios –, em fala de negro.

O título do artigo propõe-nos a língua portuguesa como língua de *negro-preto*. O sentido dessa dupla unidade lexical, que em um primeiro momento parece ter significado reiterativo, constrói-se ao longo do texto por retomadas anafóricas e catafóricas.

Logo no início do artigo, a todos os homens é atribuída a cor *escuro*: *Todos os homens nasceram escuros.*, sinônimo, nessa isotopia, de *preto*: *Todos os homens nasceram pretos*. Mas ao referir-se à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), o adjetivo selecionado pelo sujeito da enunciação é *negro*: *Uma recente foto no jornal (de 18/07) estampava a cara negra dos falantes de português mundo afora*. A isotopia constrói *escuro* e *preto* como sinônimos, mas não de *negro*.

Para explicar que a população dos países de língua portuguesa, um total de aproximadamente 200 milhões de habitantes, 50 milhões não são pretos, o sujeito enunciador, usa o substantivo *negro* que se opõe a *branco* :

Considerando - cálculo subjetivo meu - que haja 50 milhões de brancos entre eles, conclui-se que a esmagadora maioria de negros, mulatos e miscigenados restantes é hoje a principal herdeira lingüística do idioma lusitano.

A oposição *negro/branco* é expressa também pela construção de uma referencialização externa. A locução adverbial *de 18/07* remete a uma foto anterior à cena enunciada:

Uma recente foto de jornal (de 18/07) estampava a cara negra dos falantes de português mundo afora. Era a foto oficial dos representantes da reunião inaugural da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), em Lisboa, de que fazem parte Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. (...) O retrato no jornal destacava as caras brancas de Fernando Henrique Cardoso e do premier António Guterres. Todos os demais eram negros (...)

A cena enunciativa, citada no texto, figurativiza lingüisticamente o que a cena visual demonstrou, permitindo o cálculo subjetivo do enunciador em relação a quantos brancos falam a língua portuguesa. Com a ilustração lingüística da cena passada, o sujeito enunciador argumenta, no momento presente, que a maioria dos países de língua portuguesa é constituída do elemento *negro*, já que seus chefes de estado são negros. Portanto, a língua portuguesa atual se difere da antiga língua do condado Portus Cale, território entre o Douro e o Minho. Ela se transformou em:

Língua de negro, quimbundo-português, crioulo-português - não mais língua do dominador, mas fala ajustada a muitas variantes de beijos grossos e dentes brancos de uma ponta a outra da África e da América do Sul.

As justaposições lexicais *quimbundo-português*, *crioulo-português* espelham a miscigenação dos povos e também a fusão lingüística e cultural. A língua portuguesa não expressa mais a cultura portuguesa, mas, a negra. Portanto, a língua portuguesa não pertence mais à raça branca, mas à raça negra, mesmo que seja empregada por 50 milhões de brancos que são brancos somente pela cor, mas são pretos porque pertencem a uma comunidade que fala uma língua onde a maioria é negra. Se essa comunidade não é só branca, mas também não é só negra, a língua falada por ela o *português é língua de negro-preto, sim senhor*. A justaposição das unidades lexicais *negro-preto* do título pela construção da referencialização interna e externa do texto passam a significar:

negro = raça

e

preto = aquele que não é negro pela raça, mas que é culturalmente.

Figurativiza a construção dessa referencialização o trecho do texto em que é citada a lenda que se refere à transformação do preto em branco. Constata-se que não adiantou nada Deus permitir que a humanidade se lavasse em um poço. Eles continuaram a ser negros, a negritude é cultural:

Todos os homens nasceram pretos, e Nosso Senhor, ouvindo a queixa, "mandou que se fossem lavar num poço" - diz a lenda. Não adiantou de nada. Até o branco D. Pedro I assinava-se "seu negrinho", em bilhetes apaixonados para sua amante, a também branca marquesa de Santos.

O operador argumentativo *até* inclui um personagem importante da história luso-brasileira na classe daqueles que a isotopia textual construiu como negros. D. Pedro I, ao assinar em seus bilhetes *seu negrinho* se coloca como escravo da amante. Essa forma de tratamento, embora carinhosa, estabelece entre a marquesa de Santos e o Imperador uma relação em que os papéis se invertem:

Imperador = subalterno, portanto, escravo, dominado;

Marquesa de Santos = superior, portanto, patroa, dominante.

A construção da referencialização da língua portuguesa como *língua de negro-preto*, isto é, *negro-preto pela raça, negro-branco, pela cultura* como uma raça dominada explicita-se com a questão e com a colocação do objetivo da CPLP:

Falar português para quê, essa língua que não dá Prêmio Nobel, Prêmio Pulitzer? O objetivo da cúpula da CPLP era também a defesa e promoção dessa língua pouco premiada - a terceira mais falada no Ocidente, atrás apenas de inglês e espanhol, e a sétima mais falada no mundo.

Nessa citação, o operador argumentativo *também* faz aflorar a opinião do sujeito da enunciação que constata haver outro objetivo da CPLP, além da *defesa e promoção dessa língua pouco premiada*.

O objetivo implícito é explicitado pelo enunciador no parágrafo seguinte, que é modalizado pelo operador argumentativo *na verdade*:

O objetivo da reunião de cúpula era, na verdade, político - o apoio dos países da CPLP par a candidatura do Brasil a uma vaga no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

No último parágrafo, há a retomada da referencialização externa, a foto do jornal do dia 18/07:

Mas não deixou de ser, ao menos em retrato de jornal, uma espécie de “declaração de amor à língua portuguesa”, como disse Clarice Lispector, uma das maiores escritoras do português de todos os tempos.

O operador argumentativo *mas*, da citação acima, contrapõe dois discursos, o do objetivo explícito da CPLP e do implícito, que remetem à expressão *sim senhor*, usada no título. Se *sim senhor* for lido na isotopia do objetivo que deveria ter a CPLP, o título significa *o português é língua de raça negra e branca*, *sim senhor*, onde *sim senhor* equivale a um grito de guerra de povo não dominado; se pelo contrário, for lida na isotopia do objetivo implícito da CPLP, a língua portuguesa é entendida como instrumento de manipulação e os povos que a falam são povos dominados, e *sim senhor* significa *conformação*

São as estratégias de referencialização interna e externa, utilizadas pelo sujeito da enunciação que constróem no texto novos sentidos de língua portuguesa. Os novos sentidos de língua portuguesa são instaurados pela bi-isotopia que se ampara em dois discursos: o militante, explícito (que propõe a defesa do idioma) e o “político”, implícito (que deseja obter poder no contexto internacional) da CPLP.

## BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.  
FELINTO, M. “Português é Língua de Negro-preto, sim senhor”, *Folha de São Paulo*. São Paulo, 23.07.96.  
GREIMAS, A.J. e COURT S, J. *Dicionário de semiótica*. Cultrix: São Paulo, 1983.  
GREIMAS, A.J. *Semântica estrutural. Pesquisa de Método*. São Paulo: Cultrix/USP, 1976.  
MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes/Editora da Universidade de Campinas, 1989.

## Anexo

**Português é língua de negro-preto, sim senhor**

MARILENE FELINTO  
da Equipe de Articulistas

Todos os homens nasceram escuros, e a pelo menos uns 150 milhões deles foi atribuído o destino de falar português, língua originária da península Ibérica branca, de antes de Cristo, habitada por iberos, celtas e fenícios.

Todos os homens nasceram pretos, e nosso Senhor, ouvindo a queixa, "mandou que se fossem lavar num poço"- diz a lenda. Não adiantou de nada. Até o branco D. Pedro 1o. assinava-se "seu negrinho:", em bilhetes apaixonados para sua amante, a também branca marquesa de Santos.

Uma recente foto de jornal (de 18/07) estampava a cara negra dos falantes de português mundo afora. Era a foto oficial dos representantes da reunião inaugural da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), em Lisboa, de que fazem parte Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Somada, a população de todos esses países perfaz um total de aproximadamente 200 milhões de falantes do português.

Considerando - cálculo subjetivo meu - que haja 50 milhões de brancos entre eles, conclui-se que a esmagadora maioria de negros, mulatos e miscigenados restantes é hoje a principal herdeira lingüística do idioma lusitano.

O retrato no jornal destacava as caras brancas de Fernando Henrique Cardoso e do premier português António Guterres. Todos os demais eram negros no encontro cujo objetivo podia até ser outro mas que não deixava de pairar no ar como uma pergunta: para que serve falar português no mundo?

Imaginei os portugueses olhando lá de cima e neste fim de século o seu idioma de ex-navegantes e ex-colonizadores, a dinâmica da história que transformou o galeziano do condado de Portus Cale, território entre o Minho e o Douro, em fala de negros.

Em que pese a força política e econômica de Brasil e Portugal, a língua já não é lusitana há tempos, nem luso-brasileira apenas - muito embora Portugal e Brasil ainda se digladiem para ver que versão do idioma deve ser adotada nas cadeiras de língua portuguesa das universidades do mundo.

Língua de negro, quimbundo-português, crioulo-português - não mais língua do dominador, mas fala ajustada a muitas variantes de beijos grossos e dentes brancos de uma ponta a outra da África e da América do Sul.

Falar português para quê, essa língua que não dá Prêmio Nobel, Prêmio Pulitzer? O objetivo da cúpula da CPLP era também a defesa e promoção dessa língua pouco premiada - a terceira mais falada no Ocidente, atrás apenas de inglês e espanhol, e a sétima mais falada no mundo.

O objetivo da reunião de cúpula era, na verdade, político - o apoio dos países da CPLP para a candidatura do Brasil a uma vaga no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Mas não deixou de ser, ao menos em retrato de jornal, uma espécie de "declaração de amor à língua portuguesa", como disse Clarice Lispector, uma das maiores escritoras do português de todos os tempos.

E-mail mfelinto@ual.com.br

Folha de São Paulo

23 de julho de 1996.